

TRÊS OLHARES SOBRE ALPAJARES

EGÍDIO SANTOS

Fotografar Alpajares foi um desafio estimulante. Uma vez chegado ao local, pareceu-me óbvio que Alpajares não era apenas a antiga calçada, mas toda a imponente paisagem que a rodeia. As fragas, os efeitos que os séculos provocaram nas formações rochosas, a ribeira do Brita, os ziguezagues da calçada, o Penedo Durão, o voo das aves de rapina, os sons (ou o silêncio) da montanha e os aromas.

E é o respeito pela História. O saber que se está a percorrer um caminho secular. Imaginar todos os povos que por ali já terão passado.

Procurei assim desenvolver o meu trabalho a fotografar o que me cativava: uma panorâmica da paisagem montanhosa; pormenores de rochas, um jogo de sombra e luzes.

É sem dúvida o olhar de um visitante ocasional, que não conhece a Calçada de Alpajares em pormenor, sendo por isso uma visão que provavelmente reflecte pouco dos locais mais significativos do ponto de vista histórico ou geológico, mas sim uma perspectiva pessoal, reflexo dos sentimentos que o local me provocou.

Egídio Santos

JOÃO PAULO SOTTO MAYOR

Não há pôr do sol em

Alpajares, esta calçada que não vês de nenhum lugar digno desse nome.

Diz-se que foi por aqui que o diabo perdeu a bota quando tentou construí-la numa noite – 45.375 pedras, seguras por lages de xisto que lhe deram cabo das unhas. Mas não foi nem com seixos nem com jogas que ela foi feita, como rezam algumas crónicas-se assim fosse onde estariam elas agora? Passei nela e vi a cabra, ouvi o cão e o rebanho, senti lá em cima a Esfinge como se guardasse o caminho. Comi uma laranja (e ninguém viu), bebi água azul do Brita que molha os pés da calçada e que parou quando eu passei.

Viste-me quando descia e vi-te ao subir e senti tudo aquilo que queria sentir.

Os séculos já não contam e já nem sequer há dedos na mão que cheguem para isso. Quando aqui o Sol nasce já vai alto pelo mundo, e no caminho anoitece antes do dia acabar.

Não procures pelos grifos que andam pelo Durão a distrair os turistas, mas lembra-te que estás a ser vigiado pela raposa, pelo coelho e pela perdiz que passeia à tua frente como se não lhe quizesse mal.

A subida vai ser-te propícia, tão boa que foi a obra de engenharia; lá em cima o castro que tudo vê deixa-se conquistar como se nunca o tivesse sido. Mais adiante estão os cactos com os figos do diabo mas se pegares neles nunca mais te vais esquecer. Como no muro da Abalona se olhares para nascente e lá conseguires chegar.

Vou-me embora. Deixo para trás os chascos e as rochas torcidas por quem? as 28 curvas, os almocreves, duas sepulturas, a pedra do gato...

Vou dar ao choupal amarelo que flutua no rio, ainda sol.

João Paulo Sotto Mayor, Novembro de 2007

LUÍS FERREIRA ALVES

Outro olhar sobre Alpajares

Alpajares. Calçada de Alpajares, das Alpajares. Certo parece ser “das Alpajares”. Do Árabe quererá dizer “dos cereais”, em penoso trânsito das altas searas de Pojares para Alva; desta não resta pedra por tê-la – diz-se – D. Afonso III mandado arrasar. Tudo isto me conta gente do saber com que por feliz acaso me cruzo na própria calçada, aquando da minha abordagem fotográfica, honrando convite de velha amizade.

O nome nada me dizia. O sítio sim. Muitíssimo e de longe, das empolgantes madrugadas cinegéticas da minha juventude; noite ainda enfrentávamos com silencioso esforço estes dantescos penhascos, que as gentes dali miticamente identificam com o Diabo.

Sabíamos ser aqui que a perdiz, no seu último e desesperado voo, se amagava inatingível. Um caçador, habituado a “ripar” o monte, entende bem a perfeição desta calçada com seu tortuoso traçado, inteligente forma de subir o impossível, poupando forças. O meu conhecimento e fruição destes hirsutos lugares estava pois balizado, ab initio, pelo fim venatório. Outro olhar agora, mais amplo, contemplativo, respeitoso do esforço útil enormemente aqui dispendido pelos construtores dos tempos idos. Todavia, fotografando, fixei-me na Calçada, quase só.

Voltarei, sem dúvida, uma e outra vez, liberto da arma, mas também sem a complicada aparelhagem de aprisionar o real.

Aberto a todas as vertentes do entender, carregando múltiplas e antagónicas experiências, sem estórias nem História, buscando o olhar primitivo, despido quanto possível.

Luís Ferreira Alves, Dezembro de 2007

Lenda da Calçada do Diabo ou de Alpajares

“Vindo dos lados de Barca d’Alva, com caminho fácil até à Ribeira do Mosteiro, um viandante a cavalo chegou à margem direita da ribeira, que ia de mar a monte. A tempestade dessa noite medonha recrudescia. Impossível atravessar o esbravejante curso de água, não obstante a necessidade de prosseguir viagem até ao Mosteiro, que se situava na margem oposta, entre escarpas, sobre um abismo.

– Valha-me Deus ou o Diabo! – proferiu no auge da aflição.

– Vade mecum! – diz o Demo, aparecendo, e negociam a construção duma ponte e dum caminho acessível em troca da sua alma.

O Infernal Pedreiro e os seus acólitos atarefam-se nos trabalhos, dado que terão de recolher ao Reino Escuro até à 3ª cantada do galo preto. Por desar, o escuro galináceo, da crista rubra, canta três vezes antes da conclusão da obra, a que faltavam apenas algumas pedras. As potências do Inferno não chegaram para a obra aprazada.

O Mafarrico e os seus ajudantes precipitam-se subitamente no reino satânico através duma bocarra que se abriu nas rochas. Ali perto existe, na verdade, um poço, denominado “Poço do Brita”, “donde nunca pára uma pedra”, e, por isso, considerado apocalíptico das gentes.

Liberto do seu compromisso, pôde o viajante prosseguir tranquilamente a sua jornada.”